

## DOCÊNCIA, DANÇA E INCLUSÃO: SURDEZ E SUAS DIVERSAS IDENTIDADES

VICTOR TECHERA SILVEIRA<sup>1</sup>; KARINA ÁVILA PEREIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas - victor.techera.silveira@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - karina.pereira53@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de explanar e refletir sobre as diversas identidades da comunidade surda fazendo relação com o ensino de dança existente dentro do projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé” e como essas identidades surdas influenciam/afetam a docência e o ensino de dança das pessoas surdas desse projeto de extensão universitária.

Dentro desse projeto de extensão universitária acontecem aulas de dança para pessoas surdas da comunidade de Pelotas-RS, contendo uma turma de adultos surdos e outra de crianças surdas. De acordo com STROBEL (2009), sabemos que os surdos se relacionam com o mundo através das experiências visuais e o modificam tornando-o mais acessível com foco na percepção visual contribuindo assim no processo de construção das identidades surdas. Entendendo identidade como:

...algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições. (PERLIN, 2013, p.52)

A representação de identidade surda a que me refiro é baseada nos estudos culturais. PERLIN (2013) ressalta que é necessário afastar-se do conceito de corpo danificado para entender esse conceito de identidade. O corpo danificado tem a necessidade da normalização, ou seja, trabalhar o sujeito surdo num processo de aproximação do sujeito ouvinte, ignorando vivências e experiências da comunidade surda como, por exemplo, a Libras língua oficial de comunicação dos sujeitos surdos.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho das aulas de dança é baseada na Pedagogia Visual de acordo com LACERDA e SANTOS (2013), que utiliza de recursos que fogem da condição auditiva para ensinar dança. Pensamos em aspectos como pisadas fortes no chão de madeira para que a vibração possa ser usada como contagem de tempo, uso da datilologia em números para também contar o tempo, piscar de luzes para *start* e pausa de movimentos, entre outros.

Utilizando essas ferramentas metodológicas evidenciamos a identidade surda, entendendo o grupo de identidade surda de acordo com PERLIN (2013) constituem aqueles surdos que fazem uso da experiência visual propriamente dita. Porém essas identidades são atravessadas por um espaço cultural diverso, modificando de geração em geração a identidade surda.

Apesar dessas mudanças acontecerem naturalmente ao longo dos anos, elas são afetadas pelas relações de poder existentes entre surdos e ouvintes.



Essas relações indicam alguns tipos de identidades surdas trazidas por PERLIN (2013).

Surdos que nasceram ouvintes e se tornaram surdos com o tempo pertencem ao grupo das **identidades surdas híbridas**. Apesar de possuir duas línguas, língua oral (português) e a Libras (Língua Brasileira de Sinais) nesse processo de vida a identidade desse sujeito tende a se aproximar das identidades surdas, pois ele tende a se afastar das experiências com aspectos auditivos e se aproximar das experiências com aspectos visuais.

Quando uma identidade nega a representação surda, ou quando um surdo nega a identidade surda, pertencem ao grupo das **identidades surdas incompleta**. PERLIN (2013) trouxe um exemplo básico: quando uma pessoa surda pede para outro surdo falar, pois ele não reconhece a Libras como sua língua de sinais oficial, tende a se oralizar a qualquer custo para poder aproximar-se da comunidade ouvinte e assim estabelecer relações através da fala para ser visto como um sujeito normal.

Esse próximo exemplo é bem comum em uma família de composta por filhos surdos de pais ouvintes, **identidades surdas de transição**. Surdos que foram mantidos sob a experiência ouvinte, não tendo contato com a comunidade surda. Transição segundo PERLIN (2013) é nome que se da quando esse surdo consegue trocar a representação de identidade ouvinte pela representação de identidade surda mais visual.

Surdos que querem ser ouvintes devido a imposições que a sociedade coloca, são percebidos no grupo das **identidades surdas flutuantes**. Esse processo de identidade ajuda a entender assuntos como: integração, oralismo<sup>1</sup>, ouvintismo<sup>2</sup>, normalismo perante a identidade surda.

Dentro do projeto identificamos identidades surdas de transição. Essa identidade carrega características como: ser um surdo implantando e que oraliza; ser um surdo que faz leitura labial, ser um surdo que possui um grau de surdo-cegueira, etc. Porém apesar de todas essas peculiaridades identitárias, sempre que possível trabalhamos essa diferença dentro de um aspecto visual que se aproxima das experiências visuais da comunidade surda.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aulas de dança do projeto contribuem para construção dessas diversas identidades dos sujeitos surdos que vão poder carregar em sua bagagem as experiências de uma aula de dança inclusiva.

Durante a pandemia as aulas de adpataram as telinhas de computadores e celulares. Pensando nessa adapatação e em todos os imprevistos que acontecem quando utilizamos da tecnologia para aulas *online*, tivemos que refletir sobre os processos de ensino do projeto.

Para a aluna com um grau de surdo-cegueira fomos nos moldando para melhor atender as suas necessidades e assim, junto à família que sempre demonstrou muito empenho, eles conseguiram transmitir a imagem das aulas síncronas na tela da televisão para que a comunicação pudesse acontecer de uma forma mais evidente para a aluna.

<sup>1</sup> Oralismo: a um tempo atrás era o método de ensino que foi tido como o melhor para a educação dos surdos.

<sup>2</sup> Ouvintismo: relação entre surdos e ouvintes, na qual o ouvinte sempre está em uma posição de superioridade.



Foi utilizado também como ferramenta metodológica com algumas alunas a presença dos pais nas aulas como alunos e mediadores. Apesar de saberem a língua de sinais, era difícil a comunicação nas telas de aparelhos eletrônicos com as crianças, a Libras é uma língua visoespacial e tornou difícil tanto para o professor como para o aluno entender intenções de alguns sinais e comandos nas aulas de dança. Dessa forma os pais intermediavam algumas comunicações das aulas que aconteciam com o português falado, pois os pais eram ouvintes, e eles passavam para os filhos em Libras.

#### 4. CONCLUSÕES

As identidades surdas apresentam facetas diferentes e para um professor de dança que ministra aula para essa comunidade, assimilar que a existência dessas diversas identidades afeta seu modo de ensino é muito importante para torná-lo acessível na peculiaridade do indivíduo surdo, não generalizando as vivências e a forma de ser/agir desse sujeito.

Pensando assim o processo de participação dos pais nas aulas contribuiu para o fortalecimento das identidades surdas e para que os mesmos adentrassem mais as experiências visuais que os surdos utilizam, comunicando-se com os filhos somente em Libras durante as aulas, isso porque o português oralizado é tido como segunda língua para os surdos em relação a Libras, como exemplificam KARNOOPP; QUADROS (2004).

Também foi possível pensar e trabalhar a individualidade desse sujeito surdo, uma vez que os pais tinham conhecimento das especificidades que seus filhos possuíam tornado os pais mediadores/alunos durante as aulas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos.(org) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos.** EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

PERLIN, G. T. T., Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A surdez: um olhar sobre a diferença.** Porto Alegre-RS: Mediação, 2013. Cap.3, p.51-73.

KARNOOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.